

OBAMA E O MUNDO

por Mário Soares

Barack Obama é uma personalidade política única nesta fase global, incerta e insegura, que o Mundo atravessa. É alguém que sabe o que quer e para onde deve ir. Tem uma cultura humanística excepcional e uma visão, realmente global, do que é preciso fazer para assegurar a paz e a convivência entre diferentes - e mesmo ex-rivais - num momento de crise aguda, que começou e tanto afecta, ainda, os Estados Unidos.

Recebeu uma herança terrível do seu predecessor e, em dois anos, tem vindo a procurar inverter radicalmente a situação, não obstante a agressividade dos seus opositores internos, primários e ignorantes, do Tea Party, e, em geral, dos conservadores do Partido Republicano. Apesar da derrota sofrida nas eleições do meio do seu mandato, que lhe cria problemas sérios no Congresso, mantém a calma e prossegue, imperturbável, o seu caminho.

Os portugueses tiveram a oportunidade de ver Obama, em directo, pelas televisões, e de compreender, como actuou durante os dois dias, repletos de eventos, que esteve em Portugal, nas Cimeiras da NATO e dos Estados Unidos/União Europeia e no encontro (histórico) com o Presidente russo Medvedev, donde saiu uma parceria entre a NATO e a Rússia. Que diferença entre Barack Obama e os seus homólogos europeus, que quase desapareceram de cena, ofuscados quanto à clareza, clarividência, simplicidade das suas posições e à sua visão global de um Mundo de paz, de prosperidade e de coexistência!...

A Europa, maioritariamente conservadora, que nos governa - bem como grande parte da imprensa europeia - nunca apreciou especialmente Obama. Ao contrário dos cidadãos europeus que sempre o aclamaram, entusiasticamente, em todos os países por onde passou. Em Portugal, salvo honrosas excepções, a nossa imprensa empenhou-se, durante a sua estadia, mais em descrever o avião que o trouxe - o Air Force One - a contar o número dos seus seguranças e o insólito dos seus dois Cadillacs gémeos, "as bestas", como lhes chamam, do que a comentar o que disse, que foi tão importante, a influência natural que provoca nos seus interlocutores e, ao mesmo tempo, a simplicidade com que falou com toda a gente...

Reflecta-se como Obama, em dois anos, mudou a imagem da América, em todos os Continentes e tanto fez pela paz e pela boa convivência entre os Povos. Foi um arauto do multiculturalismo, advogando a pluralidade de um Mundo global e procurando recentrar a ONU. Criou uma relação especial com a China, que aliás foi mal interpretada, pelos europeus, na Conferência de Copenhaga. E, depois, com a Rússia, como agora se verificou, com a presença do Presidente Dmitri Medvedev e as conclusões que resultaram da nova parceria entre a NATO e a Rússia e dos acordos que se estabeleceram quanto à defesa anti-míssil. Quem, nos tempos da guerra fria, seria capaz de pensar em tal? Ou mesmo depois da queda do muro de Berlim, do colapso da URSS e do comunismo ou da era Bush?

Durante a viagem que fez pela Ásia - que ganhou uma nova centralidade com os países emergentes, Barack Obama visitou a Índia, a Indonésia, a Coreia do Sul e o Japão - todos países democráticos, com os quais estabeleceu laços muito fortes. Foi uma forma pacífica e inteligente de "cercar" a China, assegurando entre os grandes potentados asiáticos, que não haverá conflitos bélicos, nos próximos anos, e que os Estados Unidos se tornaram, ao contrário do que eram, um interlocutor de paz e um eventual mediador dos conflitos que possam surgir.

Nas Cimeiras de Lisboa, transformou a NATO, numa organização pacífica e de cooperação entre antigos Estados inimigos, como a Rússia. E encontrou uma saída para a guerra do Afeganistão, semelhante à do Iraque, limitando a intervenção das tropas americanas - e dos seus Aliados - com o aval da ONU, até 2014. Já não era sem tempo.

É óbvio que o complexo industrial e militar americano, denunciado por Eisenhower, há tantos anos, não ficará satisfeito. Contudo, Barack Obama deu um passo enorme em favor da paz e da sua visão política global, que até agora claudicava em relação ao Afeganistão. Ficará mais à vontade - e com mais autoridade - para pressionar Israel e a Autoridade Palestiniana, no sentido da paz e para convencer o Irão (que lançou um míssil no sábado passado e não foi por acaso) de que o Mundo não aceita mais a proliferação das armas nucleares. Embora o Congresso americano não tenha ratificado ainda o Stark II, o que não vai ser nada fácil.

Claro que o terrorismo islâmico tem de continuar a ser eficazmente combatido. Mas com inteligência e por outros meios, que não envolvam os Estados Unidos em guerras com Estados soberanos, que se sabe quando começam mas não quando e como acabam. Foi o que sucedeu com as infelizes guerras em que Bush envolveu os Estados Unidos e a Europa, contra o Afeganistão e o Iraque, arrasando as populações e os respectivos Estados, sem tocar no terrorismo, nem no próprio Bin Laden. Pelo contrário, alimentando-os. Vide os actos criminosos de pirataria que têm vindo a ocorrer no Sudão.

Lisboa no centro do Mundo

Durante dois dias Lisboa transformou-se, como os jornalistas estrangeiros sublinharam, "no centro do Mundo". Passaram por cá grandes figuras político-mediáticas que, diga-se, ficaram um pouco apagadas pela sombra de Obama. E, no último dia, de Medvedev.

Para Portugal, esses dias constituíram um êxito político incontestável. A organização foi sem falhas, não houve o mais pequeno incidente e os nossos serviços de segurança foram impecáveis. Até na maneira como acompanharam a manifestação pacífica que desfilou pela Av. da Liberdade e evitaram que alguns anarcas, na maioria estrangeiros, se juntassem à manifestação autorizada e a pudessem perturbar.

Num momento em que o ego português anda tão em baixo, Sócrates marcou pontos e demonstrou, apesar das dificuldades, que não devemos menosprezar, o prestígio de Portugal no Mundo, que aliás continua em alta. Como se percebeu, pelas vozes, sem excepções, dos altos responsáveis que nos visitaram e elogiaram a hospitalidade portuguesa e a excelência da nossa organização.

Alguns comentadores habituais, tomando a sua vontade pela realidade, têm vindo a ganhar o hábito de arrasar Sócrates, em todas as circunstâncias, lançando mão de todos os pretextos. Como se estivesse na iminência de cair. É óbvio que não está, sem que haja eleições, porque se é primeiro-ministro é por ser o líder do Partido mais votado há um ano. A verdade é que, cada vez que o atacam, Sócrates renova a sua enorme energia e surpreende pelos êxitos que consegue. Fazem mal em o menosprezar, sobretudo quando não se vê, a curto prazo, quem o possa substituir...

A União Europeia e a Crise do Euro

É hoje um lugar comum, dizer-se que a União Europeia está em crise. Na guerra das moedas o euro em alta, perante o dólar e o yuan, dificulta as exportações dos produtos europeus mas terá também algumas vantagens, como a de ser moeda de referência. Surgiu então a chamada crise do euro, em consequência de alguns países europeus, periféricos, mas não só, começarem a ter grandes dificuldades em função dos deficits dos Estados, como a Grécia, ou do endividamento brutal dos bancos, como a Irlanda.

A Alemanha, com medo de ter de pagar a insensatez dos Estados gastadores, parece ter perdido o sentido da solidariedade entre os Estados da União. Na verdade, as declarações da Senhora Merkel só alimentaram a ganância dos mercados, agravando a situação. Teve, depois, de recuar, dizendo que uma ofensiva contra o euro podia levar à desintegração da União. É verdade como aqui já escrevi, mas é muito negativo que ela o tenha feito.

No entanto, a crise não é só monetária. É, sobretudo, político-institucional - e de valores - que condicionam o resto, uma vez que na União ultra-conservadora que temos, os grandes Estados não se entendem entre si e estão também a perder o sentido da solidariedade, incapazes como são de dar um salto institucional que crie um governo económico e até político, que dê uma orientação à Europa e seja respeitada por todos os Estados-membros, quer sejam da zona euro, quer do espaço Schengen. Aliás, trata-se de duas Europas diferentes: os 16 da zona Euro e de Schengen e os 11 que estão fora.

O Tratado de Lisboa, que não resolveu essa dualidade, começa a não fazer sentido, nesse aspecto. Por outro lado, parece ter vindo a complicar as coisas, justapondo à Comissão - e ao seu Presidente - um outro Presidente e uma Vice-Presidente responsável pelas questões internacionais. Quem se entende assim? O Conselho Europeu, com os seus 27 membros, significa, para o exterior, ninguém. Uma vez que o "motor" franco-alemão, também dá sinais de não funcionar, em virtude dos graves problemas internos que ambos têm.

Não creio, assim, que Barack Obama, neste quadro negro europeu, tenha sido capaz de extrair da Cimeira Euro-Americana nada de especialmente concreto. Só boas intenções. Foi, de resto, o que pareceu. Dos dirigentes europeus, algum propôs uma ideia nova? Merkel, Sarkozy, Berlusconi,

Cameron, ou qualquer outro? Puseram a falar Von Rompuy e Durão Barroso, ao lado de Obama. Mas só disseram o que já se sabia. Oxalá me engane.

Manifestações e Greves

Os Sindicatos e alguns Partidos, perante a dureza da crise, que os portugueses começam a sentir na carne - e, infelizmente, sentirão mais a partir de Janeiro de 2011 - acordaram para as manifestações e marcaram uma greve geral para amanhã. Antes, os estudantes de Coimbra, vieram até Lisboa manifestar-se e no sábado passado houve uma manifestação, anti-NATO, pacífica e relativamente fraca, em número de pessoas.

Os manifestantes estão no seu direito, uma vez que os cidadãos, em Democracia, são livres de se manifestar, nos termos da Lei, e por forma não violenta. Estamos, felizmente, em Democracia. Portanto, nada a dizer. Os Sindicatos são fundamentais para mediar os conflitos sociais e para assegurar o diálogo social.

Mas será que as manifestações servem, num mínimo que seja, para mudar a realidade que temos e de que, naturalmente, não gostamos? Contra este Governo ou qualquer outro? Algum Partido, no Parlamento, já apresentou - ou pensa apresentar - qualquer moção de censura contra o Governo, indicando que alternativa propõe para a política que seguimos e que nos foi imposta - não o esqueçamos - pela União Europeia? Haverá quem queira que Portugal saia da União Europeia, hoje, apesar do mal-estar que se vive? Para vivermos ainda muito pior? Assim, para que servem as manifestações e mesmo a greve geral? Para animar a malta? Ou como válvula de escape do natural descontentamento? Só pode ser para uma das duas coisas. No actual contexto, as alternativas preconizadas pelas Centrais Sindicais - que, aliás, são pouco claras, do meu ponto de vista - dificilmente serviriam os interesses dos seus associados e da generalidade do Povo Português.

Lisboa, 23 de Novembro de 2010